



INSTITUTO INTERNACIONAL DA LÍNGUA PORTUGUESA
Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

**DINÂMICAS LINGUÍSTICAS EM CONTEXTO
COMUNITÁRIO**

Por **Amélia Arlete Mingas**

XIX ENCONTRO DA AULP – Luanda, 12 – 14 de Maio, 2009

Introdução

Desde os tempos remotos, em que a língua de quem chegava era, predominantemente, imposta à força e não voluntariamente aceite e absorvida, o mundo tem mudado muito. Por causa dessa mudança, a língua portuguesa, inicialmente através da acção do colonizador até meados do século XX e, depois, pela acção de imigrantes de Países de Fala Portuguesa, que se espalharam pelo mundo, a língua portuguesa, dizíamos, é falada hoje por mais de 200 milhões de pessoas. Só a título de exemplo, e por causa desses imigrantes, calcula-se que actualmente, cerca de 200 mil pessoas falam o português no Japão.

É também forte a presença da língua portuguesa nos Estados Unidos, onde se contam, às centenas de milhares, os descendentes de Portugueses, Cabo-verdianos e, mais recentemente, de Brasileiros.

Todavia, se admitirmos que "falar uma língua", não implica que o seu locutor a "entenda e domine", ser-nos-á fácil inferir que a capacidade de *expressão de uma parte significativa dos locutores de português* é, de longe, superior ao seu domínio e/ou nível de entendimento dessa língua.

Constata-se, é um facto, uma tendência para as realidades sociais transbordarem as fronteiras políticas. Mas, também se verifica que, *proporcionalmente às tensões e conflitos gerados nas e pelas comunidades em contacto, diferentes sistemas de valores culturais e sociológicos se têm vindo a transformar, graças à integração e potenciamento, de tudo o que se ajusta à construção da identidade de cada uma das sociedades expostas a esses mesmos sistemas.*

Em consequência desse fenómeno, a nossa língua comum caracteriza-se por uma assombrosa flexibilidade no seu processo de

adaptação às realidades sociais e culturais que distinguem cada um dos Estados membros da Comunidade, donde a existência de diferentes maneiras de as pessoas interiorizarem e de falarem o português.

Contudo, tendo em conta a diversidade linguística e cultural existente na nossa Comunidade, não podemos deixar de reconhecer e salientar o quanto é necessário e urgente equacionar o regime jurídico que rege a coexistência das línguas locais e da língua portuguesa na maior parte dos Estados membros da Comunidade, nomeadamente PALOPs e Timor-leste.

É que as línguas locais, porque línguas maternas da maioria dos seus locutores, são o garante da estruturação, em profundidade, dos afectos, o que torna possível a manifestação espontânea dos mesmos; por outro lado, elas asseguram o desenvolvimento do processo e modo de elaboração de conceitos. Sob este ponto de vista, elas são, sem quaisquer dúvidas, propiciadoras de capacidades criativas, comunicacionais mas também potenciadoras de relações de identificação e de identização linguísticas e culturais locais.

Em suma, o binómio língua/cultura constitui um componente indispensável à defesa e à promoção da unidade de qualquer País e à possibilidade da sua cooperação com outras comunidades.

Dinâmicas Linguísticas em Contexto Comunitário

Após esta pequena introdução, daremos início ao tema da nossa comunicação, salientando que, através dela, pretendemos apresentar uma contribuição ao tema central em discussão, ou seja, a problemática linguístico-cultural na nossa Comunidade. Nesta

perspectiva, ela terá como ponto fulcral uma análise relativa às situações linguísticas que qualificam a CPLP.

A nossa Comunidade caracteriza-se, como é do domínio de todos nós, por uma multiplicidade de línguas e culturas, identificadoras de espaços sociais, com temporalidades diferenciadas, cujas fronteiras linguísticas nem sempre coincidem com as fronteiras políticas dos respectivos Estados. Daí se infere que, nas historicidades complexas dos diferentes Povos de Fala Portuguesa, devido à dinâmica interna subjacente ao contacto de outras línguas e culturas com a língua que se tornou comum, esta foi sofrendo várias pressões, ganhando novos símbolos, descrevendo novos sentimentos, saberes, sabores diversos e porque não, novas concepções e ambições geradoras de perfis e relações, também novas.

A existência, nos Estados membros, de línguas e culturas diversas, criou condições para que a CPLP, enquanto colectividade multilingue e multicultural, abrisse possibilidades de viagens para novos horizontes, de múltiplas línguas e formas de cultura, estruturantes e relevantes não só para a emergência de novas formulações culturais na Comunidade, mas também, forçoso se torna admitir, para uma eminente e potencial recriação e actualização da nossa língua comum.

É que, elementos ligados aos Saberes locais, dos diferentes grupos sociais, se foram, lentamente, integrando na língua portuguesa, tornando-a mais criativa, mais plural, mais abrangente. Este fenómeno permitiu e tem permitido que os referidos grupos expandissem e expandam as suas capacidades comunicacionais. De realçar que, como resultado das reacções inconscientes dos diferentes locutores, detectam-se na nossa língua comum, marcas de oralidade que a tornaram e tornam mais poderosa e capaz, pois

novas formas de comunicar se foram/vão também criando e reafirmando, num contexto amplo de interacções linguísticas que se desenvolvem num mesmo espaço geopolítico.

Esta transformação da língua portuguesa só tem sido possível porque condições fomentadas e desenvolvidas, em conjunto, mostraram-se capazes de delinear outros horizontes, criar renovadas ambições, diferentes visões, incrementar, enfim, novas potencialidades que viabilizem a comunicação na nossa Comunidade.

Mas, é evidente que, pese embora esta situação se verifique em cada um dos nossos Países, as culturas e línguas locais potenciaram especificidades que têm fomentado, não raras vezes, problemas de intercompreensão e meios específicos de interlocução, resultantes de distintos níveis de criatividade.

Esta constatação denuncia a necessidade de se estabelecerem níveis de equivalência possíveis entre os distintos "mundos" em presença, com vista a um equilíbrio das situações de interacção e do Saber Geral. A título de exemplo, apraz-nos informar que nos foi possível constatar o que se segue:

Em quatro dos Países que integram os PALOPs, notámos uma mesma reacção: Sempre que alguém faz uma boa compra num mercado, é habitual a vendedeira oferecer algo. Contudo, a oferta é designada de modo diferente, na Comunidade, pois em:

- I. Angola é chamada "**esquebra**";
- Em Cabo Verde, "**compostura**";
- Em Moçambique "**bassela**" e
- Em São Tomé: "**quebra**".

Por outro lado,

- II. À "**galinha-do-mato**" de Angola e Cabo Verde, correspondem a "**galinha de Angola**" no Brasil e a "**pintada**" em Portugal;
- III. A "**ficha eléctrica**" de Angola, Cabo Verde, Portugal e, possivelmente, de outros Estados, tem como correspondente na cidade do Rio de Janeiro, Brasil, o "**benjamim**";
- IV. O acto de "**corromper/subornar**" tem como correspondente no Brasil, o termo "**propina**";
- V. O "**canto**" (futebol) de Angola, Cabo Verde, Portugal ... é designado "**escanteio e/ou corner**" no Brasil.
- VI. O "**sape-sape**", de Angola, corresponde à "**pinha**" de Cabo Verde.
- VII. O termo "**alfarrabista**", de Angola, Cabo Verde, Portugal ... tem como correspondente o termo "**sebo**" no Brasil.

É evidente e notório que, face ao acima exposto, uma Comunidade, como a nossa, deve ser capaz de garantir a partilha de ideias, ambições, experiências; de criar condições entre as instituições e associações comunitárias, para que se desenvolvam sinergias passíveis de a potenciarem.

Torna-se, de igual modo, óbvio e imperativo que as pessoas reflectam e discutam sobre fórmulas e estratégias de coordenação e cooperação colectivas, actuanes e diversificadas; é urgente que se

equacione a realidade de cada um dos Estados membros na sua dimensão criadora.

Por outro lado, para nós está também patente que a noção da importância da existência da CPLP deve ser plena e conscientemente assumida por todos os Estados Membros. E, estamos cientes, esta assumpção não pode ser obra do acaso, como se de qualquer erva daninha se tratasse. É algo que deve ser construído e que precisa do contributo voluntário e actuante de todos para se reforçar e autonomizar.

Para concluir a nossa intervenção, pensamos que nunca é demais repetir que a assumpção da Comunidade, pelos Estados membros, pressupõe, na interdependência, uma partilha de valores, edificada com base no quadro de princípios de igualdade e de liberdade de decisão, em que a soberania dos Povos deverá ser a única fonte da legitimidade de construção do que designamos de "Fala Portuguesa".

Muito obrigada pela atenção que se dignaram prestar.

Bibliografia

- CHATELAIN, Héli, 1888/89, *Gramática Elementar do Kimbundu ou língua de Angola*, Charles Schuchardt, Genebra.
- GAMARDI, Juliette, 1983, *Introdução à Sociolinguística*, 1ª Ed. Dom Quixote, Lisboa.
- GREENBERG, Joseph, H., 1948, *The Classification of African Languages*, *American Anthropologist*, 50:24-30.
- GUTHRIE, Malcom, 1971, *Comparative Bantu*, London, Gregg Press Limited.
- HODGES, Tony, 2002, *Angola: Do Afro-Estalinismo ao Capitalismo Selvagem*, Principia, Publicações Universitárias e Científicas, Lisboa.
- HOUIS, Maurice, 1971, *Anthropologie linguistique de l'Afrique Noire*, PUF, Paris.
- INSTITUTO NACIONAL DE LÍNGUAS, 1980, *Histórico sobre a Criação dos Alfabetos em Línguas Nacionais*, Ed. 70, Lisboa.
- MAIA, Pe. António Silva, 1964, *Dicionário Complementar Português-Kimbundu-Kikongo*, Editorial Missões, Cucujães.
- MARQUES, Irene Maria Guerra, 1985, *Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola*, Inald, Luanda.
- MINGAS, Amélia, A., 2000, *Interferência do Kimbundu no Português Falado em Lwanda*, Campo das Letras, Porto. Edições Chá de Caxinde, Luanda.
- MINGAS, Amélia, A., 2007, *O Instituto Internacional da Língua Portuguesa*, UNESCO, Paris
- MINGAS, Amélia, A., 2007, *Língua Portuguesa - Factor de Diferenciação e de Identidade*, AULP, Praia
- MINGAS, Amélia, A., 2008, *A Língua Portuguesa em Angola uma Construção em Constante Mutação*. São Paulo, Universidade de São Paulo

MINGAS, Amélia, A., 2008, *A Necessidade de uma Nova Filosofia para a Língua Portuguesa na e para a CPLP*, Lisboa, Secretariado Executivo.

MINGAS, Amélia, A., 2008, *Complementaridades Necessárias entre Línguas e Culturas*, Simpósio sobre a Interpenetração da Língua e das Culturas de/em Língua Portuguesa na CPLP, Mindelo.

MINGAS, Amélia, A., 2009, *A Língua Portuguesa e a sua Dimensão Comunitária na Quadro da CPLP*, Lisboa, Expolíngua,

UNESCO, 1996, *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*, Barcelona